



ESTADOS UNIDOS

Polícia admite erro na resposta ao massacre

Diretor do Departamento de Segurança Pública do Texas reconhece que agentes demoraram a invadir escola primária em Uvalde, enquanto atirador matava 19 crianças e duas professoras. Assassino disparou 100 vezes e ficou no prédio por 78 minutos até ser morto

» RODRIGO CRAVEIRO

Salvador Ramos, 18 anos, descarregava o fuzil AR-15 e a pistola em estudantes entre 10 e 11 anos, enquanto algumas crianças ligavam de forma frenética para o 911, o número de telefone de emergência da polícia dos Estados Unidos. O inferno dentro da Escola Primária Robb, em Uvalde, cidade de 16 mil habitantes situada no oeste do Texas, durou eternos 78 minutos, sem que houvesse a intervenção das forças de segurança.

Ramos teve tempo de sobra para disparar mais de 100 vezes e executar 19 crianças e duas professoras. Em meio a fortes críticas da ação policial, Steve McCraw — diretor do Departamento de Segurança Pública do Texas — fez um meal-culpa em relação à demora dos agentes em invadirem a escola. “Do benefício da retrospectiva... foi a decisão errada, ponto final”, afirmou. “Pelo que sabemos, achamos que deveriam ter entrado o mais rápido possível.” McCraw declarou, ontem, que se enganou ao elogiar a polícia e se disse “furioso” com a resposta dos agentes.

Hugo Cervantes, 35 anos, vizinho da escola primária Robb e um dos moradores que gravaram a reação de pais durante o massacre, admitiu ao **Correio** que os policiais demoraram muito para entrar no prédio. “Nós falávamos a eles para que invadissem o local, mas não o fizeram. A polícia de Uvalde tem muita culpa em tudo isso. Ela não atuou como deveria”, lamentou.

Para Hugo, as forças de segurança que se deslocaram até a escola pecaram pela omissão. “Foram covardes. Não entraram porque tinham apenas uma pistola, enquanto o assassino portava uma arma de grosso calibre. Os policiais aguardaram as tropas especiais. Mas, antes que

Chandan Khanna/AFP



Colegas do time de futebol de Tess Mata, 10 anos, morta no tiroteio em massa de terça-feira, choram diante de memorial improvisado, em Uvalde

elas chegassem, um oficial da Patrulha Fronteira ingressou lá e matou o atirador.” Nos vídeos gravados por Hugo, pais e mães dos estudantes da Escola Primária Robb se desesperavam ante a inação dos policiais, enquanto escutavam os tiros, do lado de fora do prédio.

Em Houston, a 446km de Uvalde, o ex-presidente norte-americano Donald Trump discursou na convenção anual da Associação Nacional de Rifles (NRA), o poderoso lobby pró-armas. O magnata republicano afirmou que “a existência do mal é uma das melhores razões para armar os cidadãos cumpridores da lei”. Ele aproveitou para atacar o democrata Joe Biden, atual inquilino da Casa Branca. “Se

os Estados Unidos têm US\$ 4 bilhões para enviar à Ucrânia, devemos ser capazes de fazer o que for preciso para manter nossos filhos seguros em casa”, disse. A NRA também anunciou que vai “refletir” sobre a tragédia em Uvalde.

Em entrevista ao **Correio**, Tom Mauser — pai de Daniel Mauser, 15 anos, morto no massacre da Escola Secundária de Columbine, 23 anos atrás — criticou a entidade. “A NRA só diz isso porque está sendo forçada a fazê-lo. Vários artistas e funcionários públicos estão boicotando a convenção, em Houston”, explicou. Mauser (**leia Depoimento**) concorda que a polícia de Uvalde foi morosa na contenção ao atirador. “Um autoridade de

Michael M. Santiago/Getty Images/AFP



segurança pública do Texas (Steve McCraw) confirmou isso. Foi muito parecido com o que aconteceu em Columbine. O que os policiais estavam esperando para agir?”, questionou. Em 20 de abril

Do benefício da retrospectiva... foi a decisão errada, ponto final!

Steve McCraw, diretor do Departamento de Segurança Pública do Texas

de 1999, os estudantes Eric Harris e Dylan Klebold invadiram a escola de Columbine, detonaram explosivos e dispararam contra os colegas, matando 12 alunos e um professor e ferindo 21 pessoas.

Depoimento

Tom Mauser/Divulgação



“O que esperam para agir?”

Tom Mauser

“Não existem respostas fáceis para os tiroteios em massa que assolam os Estados Unidos. Mas, para começar, creio na necessidade de aumentar a idade de 18 para 21 anos para a compra de armas de assalto de estilo militar. Depois, banir os carregadores de alta capacidade. É preciso regular esses tipos de armas como temos feito com os armamentos totalmente automáticos, e impedir qualquer comércio. Também considero importante fornecer financiamento para colocar policiais como guardas em escolas. Os estados norte-americanos devem se encorajar a criar números telefônicos de denúncia — a iniciativa foi tomada pelo Colorado, onde jovens podem denunciar pessoas que parecem ser uma ameaça, com base em seu comportamento. Muito pouco tem sido feito, em âmbito federal, desde o massacre em Columbine, para prevenir essas tragédias. O que vocês, autoridades, estão esperando? Quantas mais tragédias ainda teremos? Qual é o número que vocês esperam para agirem?”

Morador de Littleton (Colorado), pai de Daniel Mauser, 15 anos, um dos 13 mortos no massacre na Escola Secundária de Columbine, em 20 de abril de 1999

Conexão diplomática



por **Silvio Queiroz**
silvioqueiroz.df@gmail.com

Bolsonaro topa convite de Biden

A semana que entra, por aqui, terá o Planalto e o Itamaraty empenhados em preparar o aguardado primeiro encontro entre Jair Bolsonaro e Joe Biden. O presidente brasileiro deixou por algum tempo “em estudos” o convite do colega americano para participar da Cúpula das Américas, em Los Angeles, entre 6 e 10 de junho. Confirmada a presença, falta definir com a Casa Branca e o Departamento de Estado a data para uma reunião bilateral entre os dois pesos-pesados do Hemisfério Ocidental — como a diplomacia dos EUA designa o continente.

Para ambos os lados, em especial entre os artifícios e executores da política externa, a expectativa é ver os dois governantes quebrando o gelo. Desde a posse, em janeiro de 2021, em plena pandemia da covid-19, Biden jamais sequer disfarçou o desagrado com Bolsonaro. À parte o apoio aberto

do colega à fracassada campanha de Donald Trump à reeleição, incomodaram as declarações fazendo eco às queixas do derrotado sobre suposta fraude. Sem falar na tolerância — quase solidariedade — de círculos bolsonaristas com os trumpistas que invadiram o Congresso, em protesto contra o resultado da eleição.

É a urna...

Em termos práticos e políticos, o que parece ter movido as peças no tabuleiro é o calendário eleitoral. Um pouco menos ao norte, onde Biden enfrenta uma crucial disputa pelo Congresso, em novembro. Questões domésticas e até regionais costumam mandar para escanteio temas internacionais — e, entre eles, só uma crise de proporções faria do Brasil ou da América Latina um fator significativo.

O veterano presidente corre o

risco de ver o Partido Democrata perder a maioria para a oposição republicana, ao menos em uma das casas. O pleito legislativo de metade de mandato, por lá, é bem mais do que um termômetro para a corrida pela Casa Branca, dois anos depois. Um resultado de desastroso pode transformar o ocupante na figura do “pato manco”, que ocupa o cargo, mas não exerce de fato o poder.

...aqui também

No Brasil, igualmente, são as urnas que regem o andamento da orquestra — mas não principalmente pela ótica de Bolsonaro. Ao contrário, é em Washington que o resultado da disputa pelo Planalto parece condicionar os movimentos. A rigor, passada a cúpula, faltarão quatro meses para os eleitores decidirem o futuro de Bolsonaro. Tempo curto para qualquer iniciativa de maior fôlego, porém mais do que suficiente para estudar a coreografia a propor nos próximos dois anos da contradança.

Descontada a importância histórica e estratégia das relações bilaterais, inclusive no balanço regional de forças, está

em jogo para Biden a necessidade de manter canais abertos, caso o Planalto não tenha novo hóspede em 2023. Foi em nome desse interesse que Biden enviou a Brasília, nesta semana, seu emissário especial para a Cúpula das Américas, Christopher Dodd, igualmente veterano e correligionário no Senado por longos anos.

Voto de confiança

Sintomático que, diferentemente de interações recentes entre autoridades dos dois países, desta vez o visitante não repetiu em público as indiretas em torno dos questionamentos do anfitrião sobre a idoneidade das urnas eletrônicas. O assunto frequentou, semanas atrás, a passagem por aqui da subsecretária de Estado para Assuntos Políticos, Victoria Nuland, a “número dois” da diplomacia em Washington.

Dado o recado, na forma de um voto de confiança explícito no sistema eleitoral brasileiro, o silêncio prudente do emissário presidencial funcionou como uma oferta de trégua — sonora e eloquente.

Dá o que tem

No horizonte mais imediato, o aceno ao encontro inaugural entre os dois presidentes serviu para convencer Bolsonaro a chefiar a delegação brasileira em Los Angeles. Mantida a opção de excluir do encontro Cuba, Venezuela e Nicarágua, apontados como regimes avessos à democracia, os anfitriões apostam no Brasil para contornar o embaraço de ver esvaziada a primeira Cúpula das Américas sediada pelos EUA desde a edição inaugural, em 1994.

O presidente da Bolívia, também um esquerdista, e os líderes de alguns países caribenhos, solidários ao regime de Havana, já sinalizaram que não irão a menos que todos sejam convidados. Mas o que preocupa o Departamento de Estado é a ausência anunciada por Andrés Manuel López Obrador: sem o chefe de Estado do México, segunda economia latino-americana, depois do Brasil, o vazio se faria sentir à mesa.

No toma-lá-dá-cá entre a Casa Branca e o Planalto, como na conhecida máxima, cada um dá o que tem.

Primeiro tempo

Uma semana antes do encontro de Los Angeles, os vizinhos sul-americanos e outros parceiros externos estarão com as atenções voltadas para a Colômbia, onde os eleitores votarão amanhã no primeiro turno da disputa presidencial. A menos de uma semana do pleito, um grupo de parlamentares e personalidades de duas dezenas de países expressou receios pelo recrudescimento da violência política. Desde o início do ano, ao menos 50 ativistas e militantes sociais foram assassinados.

No início do mês, o líder nas pesquisas de opinião, Gustavo Petro, suspendeu atos de campanha diante da ameaça de grupos paramilitares de ultradireita remanescentes de meio século de conflito armado entre o Estado e guerrilhas de esquerda. Petro, ele próprio um ex-guerrilheiro, se reintegrou à vida civil há 30 anos. Foi prefeito da capital, Bogotá, deputado e senador. É o primeiro político de esquerda com chances reais de se tornar presidente e tem presença garantida no segundo turno, em junho.